

## O Românico em Lousada: a Torre Medieval de Vilar

No seguimento dos artigos que temos vindo a publicar sobre o Românico de Lousada, apresentamos agora a primeira parte do texto sobre a Torre de Vilar situada na freguesia de Vilar do Torno e Alentém. No próximo mês de Fevereiro será editada a segunda parte.

A Torre de Vilar é um belo exemplar de arquitectura civil medieval, no qual encontramos algumas permanências do Românico. A sua índole castrense tem vindo a ser discutida por vários investigadores desde os finais do século XIX e o debate em torno da sua primordial funcionalidade parece ter seguimento. Mas as dúvidas estendem-se a outras interrogações fundamentais para o entendimento desta construção. Persiste uma total ignorância quanto ao encomendador desta torre e quanto à conjuntura político-social que lhe esteve associada. Algumas soluções técnicas adoptadas na sua construção também têm suscitado muitas argumentações a vários investigadores.

Só será possível responder a estas questões quando a Torre de Vilar deixar de ser entendida, sobranceiramente, como uma mera obra arquitectónica e passar a ser alvo de intervenções que tenham por base o trabalho pluridisciplinar que promova uma compreensão de conjunto, estrutural e competente.

Mais do que avançarmos com mais uma abordagem descritiva da torre importa analisar o que vários autores escreveram sobre ela ao longo dos tempos para se compreender sobre que tipo de fontes estão apoiados os principais estudos que a este monumento se referem.

As Inquirições de 1220 e de 1258 não mencionam a torre, tendo vindo a ser utilizado este dado por vários investigadores para estabelecer a sua cronologia. Nas Inquirições de Dom Dinis nada é mencionado.

Num estudo actual, Teixeira Lopes dá conta que



**Figura 1.** A Torre de Vilar antes da intervenção efectuada pela DGEMN no âmbito do projecto da Rota do Românico do Vale do Sousa.

*por carta de 17 de Dezembro de 1434, D. Duarte concede a Aires Gomes da Silva a Torre de Vilar. Trata-se de um documento que constitui a primeira referência documentada ao monumento, mas que não tivemos ainda oportunidade de analisar. (Lopes, 2004:376)*

O Padre António Carvalho da Costa limita-se a referir a existência desta construção mas não avança com qualquer tipo de descrição ou outro comentário sobre a mesma. (Costa, 1706:132)

Nas Memórias Ressuscitadas, obra que terá sido elaborada com base em informações recolhidas no primeiros anos da segunda década do século XVIII, no capítulo relativo a Santa Maria de Villar é mencionado que *somente está nesta feguesia*



Figura 2. Alçado sudoeste (após restauro).

*hum torre muito alta, e quadrada, obra antiga, e do tempo dos mouros; toda coroadada de ameias: e lhe chamaõ a torre de Villar; que ao prezente não tem domno algum, e não decobrimos de que familia foce, a dita torre, e só poderá constar das inquiriõe desta provinciaem tempo de el Rei D. Affonso 3.º quando nellas se fallar na dita igreja de Santa Maria de Villar. (Craesbeeck, 1992:157)* Neste pequeno texto encontramos algumas informações importantes. Desde logo a referências à existências de ameias e também o facto de por esta altura se desconhecer o dono da torre e a família a que terá pertencido.

O padre José Francisco de Sousa Azevedo, em resposta ao inquérito paroquial enviado em 1758 pelo Padre Luís Cardoso a todos os párocos do Reino, deixou-nos uma descrição que nos dá outra visão da torre.

*Tem somente esta freguezia na parte superior a Antequisima Torre chamada de Villar mui forte que segundo a tradisam vulgar he do tempo dos godos, esta situada em sima de hum durisimo rochedo que so de Algumas partes dos licerces*

*se ve sobresahir ã terra de huma piquena colina sobre que jas, tera de Alto a dicta Torre setenta e sinco athe oitenta palmos, e de Diametro tomado pellas fases de fora, tem corenta e dous palmos correndo do sueste para o Noroeste, e de outra parte correndo do Nordeste para o Sudueste tem de Diametro segundo as fases extriores trinta e hum palmos, as suas paredes tem de corpo seis palmos, e sam tanto por demtro como por fora de pedra viva, durisima de cantaria de fiadas quazi de igual porposam e sufesientemente polidas, mas, as junturas das pedras comidas do tempo mostram maior abertura do que nos seus prinsípios poderia ter, indicio da sua nimia antiguidade, nam tem ameias mas indicio de em outros tempos ter sido com ellas orna-da, tem huma unica porta no solo ou logia que tem de largo seis palmos, e de alto des athe a padieira que defende do pezo hum escarsam de arco de meio ponto, tem na fase que fica para o sudoeste duas genellas, e outras duas na fase que fica para o Noroeste, e na face que fica para o Nordeste tem tres genellas, e coatro na que fica para o sueste porem todas estas genellas pella face extrior da torre so se devizam*

*abertas em frestas de hum palmo de largo, exceto huma que fica a parte esquerda da fase do sueste, e outra que fica no meio da face do sudueste que estas se devizam por fora [Rotas] com a mesma grandeza de [lume] que por dentro tem os [liveis] das dictas genellas e descansos dos Bigamentos que pella parte de dentro tem e se devizam no projeto de algumas pedras indicam ter cido havitaçam de duas ordens de subrados, alem de hum interssto por sima da logia, e pella fase extrior de Noroeste se devizam lugares de vigiamento de alguma caza incostada, nam se acha nella matrial algum de madeira, nem mostra ser acentada em argamaso, achace totalmente ileza, e com a siguransa primordial sem ter ahinda levisimo indicio de Ruína, nem tendencia a ella ahinda dipois do memorial Terramotu de mil e setesentos e sincoenta e sinco annos, o Estado da sua croa mostra nam se ter extrehido do corpo della pedra alguma. (Dic. Geo., 1758:1876 e 1877)* José Augusto Vieira também faz referência a esta torre na sua obra O Minho Pittoresco. Argumentando sobre as origens da freguesia de Vilar do



Torno e baseando-se claramente nos escritos do Abade de Miragaia, aponta a *Torre dos Mouros*, que se ergue em um outeiro ao lado da povoação da *Apparecida*, como testemunho dessa antiguidade e continua descrevendo com interesse: *A Torre dos Mouros mede 18m de altura por 9,5m de largo, tem cinco andares que recebem luz de setteiras esguias, e termina em um eirado com varandim de pedra, d'onde se decobre um panorama esplendido. É desde 1881 propriedade do sr. Visconde de Alemtem, que a mandou restaurar, attendendo, como homem intelligente que é, á conservação da sua feição primitiva. A torre era pertencente á quinta da Fonte de Baixo, e fôra dada em dote nupcial com muitas outras propriedades á exma. sra. D. Maria de Jesus de Castro Caldas Pereira, que foi casar na casa de Ferreirós, de Celorico de Basto.* Mas como diz Vieira e muito bem isto, porém, é

*recente e não nos elucida sobre a origem d'essa torre, que o povo chama dos mouros por lhe haver talvez perdido a tradição. O seu aspecto é o de uma torre de menagem de algum paço medieval acastellado, e quer-nos bem parecer que ahí foi o solar d'algunha familia distincta, antes que um castello para defesa d'estas cercania. A ser assim é provavel que seja contemporanea dos principios da monarchia.* (Vieira, 1887: 369)

Abílio Miranda dedica-lhe um pequeno artigo no *Portugal Económico Monumental e Artístico* em que aponta alguns aspectos importantes. Começa por sustentar que em tempos terá sido ameaçada, embora à época já não apresentasse as ditas ameias. Confirma que os pisos de madeira e os lanços de escada que permitiam o acesso ao topo da torre haviam ruído. Refere as siglas e afirma que *no pano norte mostra as recravas de encaixe de travejamento, o que pro-*

*va à evidência que lhe esteve ligada uma casa que seria o solar dos senhores que a torre defendia.* Adianta igualmente uma cronologia entre os séculos XII e XIII. Miranda assinala também as alterações da topografia motivadas pelos trabalhos agrícolas que terão levado, em sua opinião à ruína do velho solar familiar (Miranda, 1935:439 e 440).

Quanto à questão de quem teriam sido os senhores desta torre Abílio de Miranda vai referir, pensamos que pela primeira vez, uma *cópia autêntica duma carta de Martim Gil de Sousa, conde de Barcelos e alferes de El-Rei, e mordomo do infante D. Afonso, filho mayor e herdeyro, pela qual assegura ao mosteiro de Bostelo não exigir como fôro anual o serviço que lhe acabava de fazer «como devido a natural e herdeiro de Bostelo, mas sim como devido à protecção, com que era obrigado a defendê-los, buscar o seu proveito, como vizinhos, naturais e amigos».* Esta carta é datada em São Fins do Torno, a 24 de Fevereiro de 1306. O referido autor nunca refere que este documento foi redigido na Torre de Vilar, admitindo somente que na Idade Média pudesse a mesma torre estar dentro dos limites da freguesia do Torno, para com isto concluir que tal fortificação foi propriedade

Cristiano Cardoso



**Figura 3.** A parede noroeste (após restauro) na qual era possível observar as recravas do travejamento duma construção encostada à torre.





**Figura 4.** Paredes sudeste e nordeste (após restauro). Na primeira a porta ao nível do primeiro andar. Na parede nordeste Abílio Miranda afirma ter visto um marco com as armas antigas de Portugal.

*dos condes de Barcelos que, mais tarde, foram senhores das terras de Lousada.* (Idem, Ibidem: 440)

Numa separata do Jorna de Lousada de 1943, Abílio Miranda publica um artigo mais extenso que se concentra essencialmente na argumentação de que a Torre e as terras adjacentes eram pertencentes dos condes de Barcelos. Diz-nos que *na base da torre, na empena que fica voltada para a Aparecida, distingue-se ainda, embora muito apagado, o escudo de armas de Portugal antigo, o que prova que ali havia jurisdição administrativa de honra* (Miranda, 1943: 3). Adiante avança que *o aludido escudo da base teria sido feito, quando da inquirição de 1258, portanto em meados do século XIII, e a torre devia ter sido*

*construída não muitos anos antes* (Idem, Ibidem: 5). Admite que a torre e o solar já estariam abandonados e em ruínas no princípio do século XV. (Idem, Ibidem: 3) O autor defende que a porta do alçado sudeste seria a comunicação para os referidos paços, acrescentando que na parede noroeste se podia observar as *regras da construção que lhe ficava colada*. Neste artigo Miranda confirma a existência de ameias informando que lhe dera um *natural de Aparecida* aludindo a uma *pedra bicuda* perdida junto do monumento. (Idem, Ibidem: 5)

(Continua)

**Cristiano Cardoso**

*Técnico Superior de Ciências Históricas  
da C. M. Lousada*

## Bibliografia Consultada

Arquivo Nacional Torre do Tombo. *Dicionário Geográfico de Portugal*. Vol. 41, Maç.309.  
COSTA, António Carvalho da (P.e) *Corografia portuguesa*. Lisboa: Valentim Costa Deslandes, 1706. Tomo I.  
CRAESBEEK, Francisco Xavier da Serra *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho, no ano de 1726*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, Lda., 1992. Vol. II.  
LOPES, Eduardo Teixeira *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, 2004.

MIRANDA, Abílio *A Torre «dos Mouros»*. In *Portugal económico monumental e artístico*. Lisboa: Of. Fernandes, 1935.

MIRANDA, Abílio *Terras de Lousada (A Torre dos Mouros)*. In Separata do Jornal de Lousada. Lousada: Tip. do Jornal de Lousada, 1943.

VIEIRA, José Augusto *O Minho Pittoresco*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1887. Vol. II.